

MAIO, MARCOS CHOR (Org.).

## **Ciência, política e relações internacionais: ensaios sobre Paulo Carneiro.**

Rio de Janeiro: Editora Fiocruz e Unesco, 2004.

### **MARTA DE ALMEIDA**

Pesquisadora Adjunta

Coordenação de História da Ciência/Museu de Astronomia e Ciências Afins/MAST – RJ

e-mail: marta@mast.br

### **As multifaces de um positivista brasileiro**

O livro que ora apresento pode ser considerado uma grande contribuição de seu organizador no âmbito da história social das ciências, num esforço coletivo de publicação entre a Unesco e a Casa de Oswaldo Cruz. Desde a defesa de sua tese de doutorado, Marcos Chor Maio vem dedicando boa parte de sua pesquisa ao processo de institucionalização das ciências sociais no Brasil, relacionado ao debate nacional e internacional sobre estudos raciais.<sup>1</sup> Os caminhos de pesquisa levaram Chor Maio ao acervo documental da família de Paulo Estevão de Berrêdo Carneiro, químico industrial, positivista brasileiro de grande atuação no cenário internacional das relações político-científicas do século XX.

Ao ler a apresentação da obra, deparo-me com a definição dada sobre o livro pelo organizador de que se trata de “uma homenagem a um cientista que dedicou mais de três décadas à diplomacia nos campos da ciência, da cultura e da educação” (p.17). No entanto, ao prosseguir a leitura, percebe-se que as contribuições ali contidas ultrapassam tal dimensão. Esta é uma primeira característica positiva que gostaria de ressaltar. Há uma diversidade de enfoques nos artigos apresentados por diversos autores, e as seções do livro são também muito variadas de modo a não se tornar uma monótona narrativa acerca da vida e obra de Paulo Carneiro. O livro permite conhecer diversas facetas do intelectual através de pesquisas voltadas para preocupações mais amplas, principalmente acerca da internacionalização das ciências.

O organizador não apresentou de antemão as notas biográficas sobre Paulo Carneiro. Estas só apareceram quase no final do livro. No entanto, uma vez que se trata de um estudo inspirado na atuação de um personagem científico, é difícil não fazer algum tipo de reflexão a respeito da biografia na história, ainda mais quando se reporta à história da ciência, que até bem pouco tempo atrás era escrita a partir da compilação de trajetórias de cientistas “universalmente” reconhecidos. Por percorrer

caminho inverso a essa perspectiva, a obra organizada por Chor Maio pode funcionar como um novo impulso às biografias científicas.

Como o período de atuação de Paulo Carneiro foi longo, há também a diversidade quanto ao recorte temporal analisado pelos autores: alguns se dedicaram mais ao início de sua carreira, nas décadas de 20, 30 e 40 do século passado, caso do artigo de Ângela Alonso, intitulado “Raízes positivistas do reformismo dos anos 1930: o caso Paulo Carneiro”, que procura demonstrar que o pensamento político da década de 1930 teve profundas relações com o reformismo da geração de 1870, reprocessado por novos agentes, como Paulo Carneiro. Para isso, Alonso estabelece comparações entre os projetos de reforma social dos positivistas na passagem do Império à República com os textos e atuação de Paulo Carneiro, quando foi funcionário do governo Vargas entre 1933 e 1935 no Ministério da Agricultura.

O segundo artigo, “Paulo Carneiro e o curare: em busca do princípio ativo”, de Magali Romero Sá, versou sobre a pesquisa desenvolvida por Paulo Carneiro a respeito do princípio ativo do curare, veneno das flechas utilizado pelos indígenas da região Amazônica para a caça. A continuidade de suas pesquisas se deu em solo francês entre os anos 1936-1944, por intermediação de seu antigo mestre Gabriel Bertrand. Romero Sá ressaltou o ambiente de debates a partir da apresentação dos resultados de suas investigações que demandavam a cooperação de verdadeira rede de colaboradores para envio de amostras do Brasil, tanto do veneno como de objetos e vegetais. Para Romero Sá, essa fase de consolidação de pesquisas de Paulo Carneiro sobre matérias-primas nacionais, aliada ao fortalecimento ocorrido frente às oposições sofridas, fez dele um grande idealizador de projetos de impacto nacional e internacional para o desenvolvimento científico no país após a Segunda Guerra.

O artigo de Priscila Fraiz e Eduardo Queirós Reis, “Paulo Carneiro e a Casa de Augusto Comte”, tratou das iniciativas de Paulo Carneiro para a criação da Casa de Augusto Comte, voltadas principalmente para a preservação e culto à memória do positivista. Tal empenho, nos idos dos anos de 1920/30, demonstra o vivo apreço que o cientista tinha pela história e memória, nos moldes convencionais de sua crença positivista. As “reliquias” deixadas por Auguste Comte após sua morte geraram muita polêmica entre os adeptos, tanto na França como no Brasil. Paulo Carneiro começou a ter participação mais efetiva sobre os arquivos do fundador da “religião do progresso” a partir de sua estada na França em 1927. Há no final do texto a reprodução de um documento escrito por Paulo Carneiro no período em que ficou preso por causa da ocupação alemã, no qual descreve minuciosamente seus planos futuros. Consta, entre outros, a organização da publicação das obras de Comte. Interessante notar que os autores propõem um viés de análise diferenciado, ao perceberem a experiência e mesmo a obsessão de Paulo Carneiro, junto aos membros de sua família, em guardar, catalogar e sistematizar a própria documentação. Isso nos leva a pensar acerca da contribuição que tiveram para o reconhecimento e a consolidação do arquivo pessoal enquanto valor histórico e o quanto tal embasamento respaldou a própria organização do acervo da Casa de Auguste Comte. É esse percurso de pesquisa realizado pelos autores que pode conferir grande contribuição à reflexão teórica acerca da constituição de acervos pessoais no âmbito da história e da arquivística.

Os demais artigos voltaram-se mais para a atuação de Paulo Carneiro em outra fase de sua carreira, para muitos, caracterizada pela atuação diplomática em organismos internacionais após a 2ª Guerra Mundial, através de representações do Brasil em reuniões, assembléias, conferências, bem como na proposição de vários projetos de integração internacional no âmbito das ciências. A tradução do artigo “A Unesco e a política de cooperação internacional no campo da ciência”, de Aant Elzinga, físico da Universidade de Göteborg (Suécia), publicado em 1996<sup>2</sup>, é um texto rico em informações históricas a respeito da criação e atuação da Unesco. Esse artigo situou o seu grau de “internacionalização”, muito

ocidentalizado e eurocêntrico nos primeiros anos pós-guerra, passando por mudanças substantivas com a entrada da ex-União Soviética após a morte de Stálin e, posteriormente, nas décadas de 1970, com a maior participação dos países recém-emancipados e da América Latina. Elsinga destacou em vários exemplos a inextrincável relação entre os projetos de cooperação transnacional e a dimensão política do momento em que são apresentados, propiciando a criação de novos órgãos dentro da ONU, deixando a Unesco em posição secundária para alguns assuntos estratégicos, como o da energia nuclear ou do meio ambiente. O próprio autor cita em sua conclusão o quanto as pesquisas em determinados centros localizados em regiões da África, Ásia e América Latina estão interligadas aos grandes centros em função de metodologias preestabelecidas onde o conhecimento é apresentado em termos descontextualizados e desincorporados, principalmente através da linguagem numérica e gráfica. O texto de Elsinga auxilia na compreensão da seqüência dos demais artigos que abordaram a atuação de Paulo Carneiro no cenário internacional, bem como ajuda a conhecer melhor as engrenagens políticas da Unesco.

Chor Maio, em seu artigo “Demandas globais, respostas locais: a experiência da Unesco na periferia no pós-guerra (1946-1952)” centrou a análise em dois projetos patrocinados pela Unesco: a proposta de criação do Instituto Internacional da Hiléia Amazônica, ou seja, um centro de pesquisa na Amazônia, proposto por Paulo Carneiro em 1946, com a participação de outros países; e o “Projeto Unesco de Relações Sociais”, em 1950, que contou também com a forte participação de Paulo Carneiro, o qual defendeu o argumento de que a pesquisa sobre o tema deveria ser realizada no Brasil em função do processo de miscigenação de populações. Para ambos os casos, Chor Maio enfatizou as tensões entre as dimensões internacional e nacional, e interpretou os desdobramentos dos projetos no Brasil – no caso do projeto Hiléia, a criação posterior do Instituto Nacional de Pesquisas Amazônicas (Inpa) e, no caso do Projeto Unesco de Relações Sociais, a contribuição que teve para os rumos dados às pesquisas em ciências sociais no país – como traduções locais. Portanto sua análise foge da perspectiva interpretativa – segundo o autor, mais comum na historiografia sobre o tema – que considerou a não realização dos projetos nos termos iniciais da proposta como um “fracasso” da Unesco.

Próximos ao viés de análise de Chor Maio, Paulo de Góes Filho e Francisco Barreto Araújo abordaram as relações entre ciência nacional e internacional, a partir das vivências de Paulo Carneiro e Carlos Chagas Filho, concebidos pelos autores como cientistas que optaram por uma ciência nacional de caráter internacional, enfatizando mais de perto as estratégias utilizadas pelos próprios cientistas para a conciliação entre os valores universais e interesses nacionais na produção do conhecimento científico. Em “Noções de ciência internacional e nacional: as trajetórias de Paulo Carneiro e Carlos Chagas Filho”, os autores fizeram uma análise comparativa entre as carreiras científicas de Paulo Carneiro e Carlos Chagas Filho, contribuindo de forma original para o uso de biografias na história das ciências, e chamaram a atenção para as similaridades de duas carreiras científicas num período inicial da chamada “moderna ciência” no Brasil: a preocupação em estudar temas brasileiros que possibilitassem o interesse internacional. As atuações de Paulo Carneiro e Carlos Chagas junto à Unesco são entendidas por Góes Filho e Barreto Araújo como colaboradoras para o surgimento de um novo tipo de ator social que buscava conciliar valores universais com questões nacionais (p. 186).

Heloísa Maria Bertol Domingues e Patrick Petitjean retomaram o histórico sobre o papel social desempenhado pelas ciências durante os anos que circundaram a Segunda Guerra Mundial, em “Paulo Carneiro: um cientista brasileiro na diplomacia da Unesco (1946-1950)”. Várias providências que foram tomadas para superar os traumas do conflito e buscar a paz mundial, como programas de educação, ciências, cultura, economia etc., chocavam-se com a bipolarização política dos chamados blocos

capitalista e socialista. Sob essas circunstâncias históricas é que os autores analisaram o papel de Paulo Carneiro nas iniciativas de cooperação científica internacional, principalmente enquanto grande defensor do estabelecimento e manutenção dos laços do Brasil com a Unesco. Domingues e Petitjean mostraram que as negociações políticas ocorridas nos bastidores das disputas de cargos diplomáticos nos organismos internacionais impediram que ele e outros representantes latino-americanos assumissem cargos. Ao mesmo tempo, destacaram a astúcia diplomática de Paulo Carneiro em não deixar que tais divergências político-ideológicas se sobrepusessem à missão humanista da Unesco. Segundo a interpretação dos autores, ainda que tivesse muita habilidade para lidar com as adversidades, Paulo Carneiro fora derrotado em seu projeto de criação do Instituto Internacional da Hiléia Amazônica. Para os autores, as diversas tentativas de projetos de pesquisa e criação de laboratórios internacionais pautados na crença da ciência universal fracassaram diante dos interesses político-ideológicos dos países envolvidos.

Uma outra iniciativa de cooperação internacional daquele período, e bem menos conhecida, foi abordada por Ana Maria Ribeiro de Andrade, no artigo “Os raios cósmicos entre a ciência e as relações internacionais”. Nesse trabalho, foram estudados intercâmbios científicos entre Brasil e Bolívia no campo da física, ao qual a Unesco e, especificamente, Paulo Carneiro deram importante contribuição com a criação do Laboratório de Chacaltaya, localizado na cordilheira dos Andes, onde funcionava a estação central de rede de meteorologia, lugar considerado privilegiado para observação de fenômenos naturais que atingem a Terra com a radiação cósmica (p. 215). O Brasil participou como aliado através do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), criado em 1949, do apoio do CNPq e com a participação de César Lattes na formalização do programa de cooperação e de outros cientistas. A Unesco forneceu equipamentos considerados essenciais para os experimentos. A interrupção das atividades de pesquisa na Bolívia pelo CPBF, segundo Ribeiro, causou alguns desconfortos diplomáticos num momento de projeção internacional do Brasil no continente latino-americano, a tal ponto de os cientistas recuarem na decisão de não mais financiarem pesquisadores do Laboratório de Chacaltaya. Ao realizar esse estudo, a autora chamou a atenção para a interferência direta dos interesses políticos nas decisões relativas à criação do Laboratório de Chacaltaya e no próprio destino das relações científicas ali estabelecidas.

Na seqüência dos artigos, há a reprodução integral da mesa-redonda “Paulo Carneiro, um brasileiro universal”, ocorrida na sede da Unesco em Paris, em outubro de 2001, por ocasião do centenário de nascimento de Paulo Carneiro. A feliz idéia de publicá-la possibilita difundir uma rica discussão acerca de aspectos sociais, políticos, científicos e pessoais de Paulo Carneiro, por meio de testemunhos que dela participaram.<sup>3</sup>

A edição do depoimento concedido por Paulo Carneiro, em 1979, no Museu de Imagem e do Som (MIS), com entrevistas, também possibilita ao leitor reconstruir as horas de conversa e, ao mesmo tempo, confrontar interpretações dos artigos com a versão de Carneiro a respeito de diversas passagens de sua vida e atuação científica e diplomática.

Em outra seção do livro, uma biobibliografia de Paulo Carneiro, organizada por Chor Maio, apresenta uma síntese de suas principais atividades desenvolvidas e das passagens marcantes de sua vida, além da sua produção, dividida em tese, artigos em livros, artigos em revistas científicas e culturais, livros, obras organizadas, livretos e artigos na imprensa, perfazendo um total de 84 referências.

A opção em concentrar a parte iconográfica de Paulo Carneiro (retrato de Paulo Carneiro, organizado por Aline Lopes de Lacerda, p.324-339) no final do livro exige do leitor atenção especial para estabelecer ligações entre as fotos e as narrativas encontradas ao longo da leitura. Um claro exemplo pode ser dado com relação ao artigo de Fraiz e Reis sobre a atuação de Paulo Carneiro na organização do arquivo de Comte. As passagens situadas ao longo do artigo nas quais são destacadas as atividades

de manuseio e organização dos documentos de Comte, bem como a localização do edifício em que o mesmo morou, estão registradas em duas fotos (n. 18 e 29) com legendas concisas e formais. Isso acontece com outras imagens e passagens da vida de Paulo Carneiro, que poderiam ganhar ainda mais destaque, caso fossem mencionadas pelos próprios artigos e ganhassem legendas que dialogassem com o exposto ao longo das páginas. Isto não diminui o valor dessa parte do livro, que contou com uma ótima qualidade de reprodução das imagens, permitindo ao leitor um passeio ao longo dos anos da vida de Paulo Carneiro não só por sua imagem ali retratada, como também pela diversidade de focos, ora mais intimistas de Carneiro com pessoas de seu convívio, ora mais formais em cerimônias oficiais.

Gostaria de finalizar esta análise elucidando a importância do livro para refletir articuladamente acerca de ciência, política e relações internacionais. A heterogeneidade dos enfoques dados nos artigos permite ampliar o entendimento não só do personagem em questão, mas também do período em que viveu, e abre espaço para a reflexão sobre as preocupações científicas do passado e do presente. Muitos dos debates ressaltados e que tiveram fundamental importância na atuação de Paulo Carneiro são hoje temas de discussão: a Amazônia, o meio ambiente, a questão racial e os direitos humanos. A obra organizada por Marcos Chor Maio pode ser considerada, então, menos como ponto de chegada e mais como ponto de partida para se compreender a intrincada cultura científica do século XX, na qual o Brasil, através da participação de Paulo Carneiro e de tantos outros atores, desempenhou relevante papel.

---

1 MAIO, Marcos Chor. A história do projeto Unesco: estudos raciais e ciências sociais no Brasil. Tese de Doutorado, Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), 1997.

2 PETITJEAN, Patrick (Org.). Les sciences coloniales: figures et institutions. Paris: Orstom Éditions, 1996.

3 Participaram do evento, José Israel Vargas, na época embaixador do Brasil na Unesco, Alain Touraine, Luís Felipe de Alencastro, Luiz Hildebrando Pereira da Silva, Bruno Gentil e o escritor Jean d'Ormesson.